

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

ODEERE: Diálogos sobre relações raciais e relações étnicas no ensino, pesquisa e extensão ¹

Marise de Santana² 

RESUMO

Há 20 anos, o ODEERE - Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, se tornou uma rede ao qual chamamos de **Quilombo Acadêmico**. O ODEERE enquanto espaço de aquilombamento vem nos ensinando qual a relação do conhecimento com a prática humana. Portanto, este espaço se tornou local de um fazer acadêmico pós colonial, decolonial, contra colonial, que se insurge contra uma epistemologia monocultural, que ensina sobre o impacto da descontinuidade, da desnormalização de práticas educativas. Nestes 20 anos buscamos fomentar um posicionamento político-ideológico que reconheça o sentido do outro, das outras culturas, das outras etnicidades; um trabalho educativo étnico e racial. Este trabalho vem sendo feito, através de várias atividades: Cursos de extensão, Cursos de pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu, projetos educativos com crianças, eventos esporádicos. Como nos diz Joaquim Severino (1998. p.33), "...a função do conhecimento é substantivamente intencionalizar a prática...". Por isso, Severino (idem) nos diz que "antes de perguntar como o problema se coloca em relação ao conhecimento é preciso saber qual o lugar que o conhecimento ocupa em nossa existência" Aqui estamos diante de uma pergunta que, cada um de nós, que vem construindo o projeto ODEERE, deve buscar se fazer: Qual o lugar que o conhecimento ocupa em nossa existência? Para melhor entender por que essa pergunta deve instigar a cada um de nós que adentra ao ODEERE, é preciso conhecer a história do ODEERE e as suas atividades de extensão, pesquisa e ensino. Entre as muitas possibilidades de construção, sobre o tema aqui proposto, privilegiei dividir o texto em duas partes. Na primeira, situo o ODEERE como Órgão de Educação das Relações Étnicas da UESB, órgão que nasce com a perspectiva de pesquisar, discutir e debater questões raciais e étnicas. Na segunda parte, me dirijo para pensar no ODEERE como espaço que busca pensar sobre epistemologias que visem uma educação da diferença, inclusiva e pluriversitária. Neste sentido, é um espaço onde as fronteiras se estabelecem.

¹ Saúdo os participantes deste evento. Saúdo a mesa na pessoa do Prof. Marcos Lopes coordenador Institucional do ODEERE. Saúdo cada convidado que aceitou nosso convite para contribuir neste encontro trazendo temas que nos são caros em especial o Prof. Dr. Acácio Sidnei Almeida Santos (UFABC), Prof. Dr. Edson Dias Ferreira (UEFS), Prof. Dr. Valter (UESB) e Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa (Moçambique) aqui presente e...Quero abraçar cada membro das comissões que se empenharam com a organização desse encontro. Pessoas que as vezes ficam nos bastidores, mas são importantes na engrenagem que é organizar um evento. Gratidão a cada um de vocês das comissões: ornamentação, cozinha, limpeza, monitoria, comunicação e divulgação, organização dos anais, financeira e infraestrutura.

² Professora, Doutora e Pós Doutora em Ciências Sociais (PUC/SP), Coordenadora de Pós Graduação Lato Sensu (ODEERE). E-mail: nabaia1960@gmail.com



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA 

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Palavras-Chave: ODEERE, Decolonialidade, Relações étnico-raciais, Aquilombamento.

ODEERE : Órgão de ensino, pesquisa e extensão

O ODEERE é um órgão que nasce com a incumbência de organizar projetos de políticas de ações afirmativas, e através de suas ações leva a instituição, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a pensar sobre o seu papel social de educação antirracista, em especial, nas regiões Sul e Sudoeste da Bahia. Fundado em 2005, o ODEERE, tornou-se em 2018, órgão suplementar da UESB, ligado à Reitoria, que desenvolve as seguintes atividades **de Extensão**:

- a) possui um Canal no Youtube, no qual debate temas étnicos, raciais, sexualidade e gênero;
- b) atividades para crianças através do Projeto ERÊ e Cantinho do Griô; c) em março, o Encontro de Combate à Discriminação Étnica;
- c) em setembro, caruru dos de Cosme Damião , Erês, Vunjes e Ibejis;
- d) 16 a 20 de novembro, Semana de Educação da Pertença Afro-brasileira;
- e) quatro (04) cursos versando sobre questões negras, antropologia das populações afro-brasileiras, educação quilombola, sexualidade e gênero, visando promover a formação continuada.

Atividades de Pós-graduação *Lato sensu* e *Stricto sensu*:

- a) dois (2) Cursos de Especialização, um deles em Antropologia das Populações Afro-brasileiras e o outro em Etnicidade, Decolonialidade e Educação.
- b) Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, a nível de mestrado e doutorado, tendo a participação e engajamento dos mestrandos nos grupos de pesquisa.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Para incentivar o fluxo de publicações, contamos com os Anais, fruto dos eventos organizados em março e novembro, e também temos a publicação de uma revista on-line ([ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas](#) – ISSN 2525-4715) com Qualis B1, que recebe textos desde 2016.

Quero aqui destacar que falo do ODEERE como alguém que está dentro deste órgão desde a sua fundação, coordenando ações de 2005 até a data atual. Fui coordenadora institucional do ODEERE desde a sua fundação e por um longo período. De 2006 a 2008, coordenei o projeto UNIAFRO que financiou com recursos do MEC/SESU, o curso de especialização em Antropologia das Populações Afro-brasileiras (curso que coordenei até 2014). O projeto UNIAFRO também financiou uma sala de museu com acervos de culturas afro-indígenas e uma biblioteca setorial. De 2014 a 2018, coordenei o curso de pós-graduação *Stricto Sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade. De 2018 até 2022, coordenei os cursos de extensão, retornando a essa coordenação em 2024 até a data atual. Desde sempre, desenvolvi atividades de docência nos cursos de extensão e nas pós-graduações.

As Diretrizes Curriculares para o ensino das Relações Étnico-Raciais, sob a égide da Lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/1996, criaram demandas que reafirmaram a necessidade, dentro dos espaços universitários e em outros espaços educativos, de repensar epistemologias com saberes e fazeres dos vários grupos que têm acesso a esses espaços. Nossas preocupações com uma educação diversa, são anteriores à criação do ODEERE, e surgem a partir de demandas que apareceram em pesquisas realizadas para mestrado *O trabalho Docente: Novos e velhos desafios* (dissertação defendida na PUC/SP em 1999) e Tese de doutorado *Os Legados Africanos na Diáspora e o Trabalho Docente* (tese defendida na PUC/ SP em 2004).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Portanto, com a criação do ODEERE, em 2005, passamos a nos preocupar com as interferências que este órgão teria, dentro e fora do espaço universitário. Sendo assim, buscamos indagar: como as propostas de produção de conhecimentos, de pesquisas, poderiam atender às demandas sociais, dando devolutivas à comunidade, através da extensão? Como as ações de extensão poderiam contribuir no processo de descolonização epistêmica?

Nestes 20 anos de existência, o ODEERE seguiu a trilha das teorias pós-colonialistas e criou um conjunto de estratégias discursivas e práticas que buscaram entender: **1)** as relações de poder e as assimetrias entre diferentes grupos raciais e étnicos; **2)** os processos de desigualdades associados às diferenças; **3)** as novas dinâmicas discursivas acerca de gênero, sexualidade, religiões, racialidades e etnicidades; **4)** as teorias e práticas didático-pedagógicas que contestam os resquícios de uma dominação que colonizou imaginários para falar sobre conteúdos que reafirmam a lógica colonialista.

As ações do grupo de docentes do ODEERE são delineadas a partir de estudos que apontam que as diferenças e desigualdades, ocupam hoje um lugar de inquietação social no Brasil, fruto da promulgação da Lei 10.639/2003. Todavia, os estudos acerca dos processos educativos voltados para o conhecimento das populações negras e afro-brasileiras apontam dificuldades para que as escolas implementem a referida lei (Machado, 2010; Gomes, 2017; Santana, 1999, 2001, 2004, 2017). Tais inquietações vêm nos desafiando a investigar **como as formas simbólicas presentes nas relações interétnicas e raciais entre alunos e alunas do ODEERE sinalizam zonas de fronteira, dificultando a implementação uma proposta étnico-racial na região sudoeste da Bahia?**

Entendemos por formas simbólicas ações, falas, textos, que são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas (vistas, ouvidas, lidas) por pessoas situadas em locais específicos, que servem para suas construções significativas. Com este



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

propósito estamos desde 2004 desenvolvendo atividades de formação continuada para o trabalho com a Lei 10.639/2003.

Nós pesquisadores e pesquisadoras, dentro do ODEERE, estamos preocupados com a inclusão/exclusão de conteúdos que envolvem relações de poder, relações de sociabilidades, relações fronteiriças entre diferentes grupos raciais e étnicos.

FRONTEIRAS: diálogos sobre relações raciais e relações Étnicas

Ouso dizer, que 20 anos depois, hoje com mais maturidade teórica e prática do que ontem, me vem a certeza de que, a leitura de Hannah Arendt (1997), sobre a “Banalização do Mal” contribui para que, eu, enquanto uma das fundadoras deste órgão, buscase na construção do projeto ODEERE pensar em aproximar conhecimento e prática humanas. A banalização do Mal conceito trabalhado por Arendt, apresenta a ideia de mal ligado a obediência e à ordem. O mal, para Arendt, não é demonização, mas sim incapacidade humana de julgar e conhecer. Nesse sentido, o ODEERE nasce da necessidade de contribuir para que as pessoas questionem a moralidade de suas práticas humanas quando se propõe a banalizar a diferença, discriminando o outro por sua cor, religião, cultura e etnia.

Aqui entramos em conteúdos dos debates sobre relações raciais e relações étnicas numa sociedade, como a brasileira, que aponta para a negação do racismo, promovida por alguns; a negação da identidade negra, indígena, cigana e outras. Em função disso, professoras/os, vêm se negando a trabalhar com os conteúdos das Leis 10.639 de janeiro de 2003 e da Lei 11. 645 de março de 2008. São pessoas que cometem atos racistas, sem refletir sobre os significados dos seus atos. Os racismos de todas as ordens — religioso, doutrinário, institucional — que estão na base estrutural do pensamento da sociedade brasileira, são atos que se



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

tornaram banais, não por serem comuns, mas porque algumas pessoas os naturalizaram como se fossem comuns. Para Arendt (1997), banal não é comum, mas ocupa o lugar comum. Para Arendt, banal não é comum, mas ocupa o lugar comum. Arendt, no livro *A Condição Humana*, vai nos dizer:

a pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso tem duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão existir os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender (ARENDR, 1997, p.188).

Fazer a leitura de Arendt (1997) fundamentada em uma epistemologia da diferença, me moveu no ano de 2005 a construir a proposta do ODEERE. Tal iniciativa teve como propósito inquietar as pessoas nos diversos cursos e pesquisas a pensar e repensar valores construídos em seus processos educativos para expressar concepções de conhecimentos que envolve as práticas humanas, e orientar trabalhos desenvolvidos na graduação e pós-graduação, que refletissem acerca da necessidade de aquisição de conhecimento no qual se abandone posições acadêmicas prepotentes e unidirecionais. Vale dizer que, ao ser uma das proponentes do programa de **Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade do ODEERE**, implantado em 2014, buscava, junto a outros membros do órgão, consolidar os estudos das relações étnicas. Naquele momento, buscamos uma forma de fazer pesquisas, de pensar sobre o lugar do conhecimento ocupado em nossas existências. Sendo o estudo das Relações Étnicas naturalmente interdisciplinar, tornamos, em nossas pesquisas, os sujeitos a partir de suas narrativas, entendendo que são de um universo relacional, situacional e contextual, indicando que sempre as relações vão apresentar fronteiras.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Nos territórios em que as fronteiras são construídas, podem acontecer subversões, bem como outros processos como rupturas e conflitos. As fronteiras são construções produzidas socialmente e historicamente. As fronteiras ocupam o limite entre “nós” e “eles”.

Na fronteira aprendemos a viver com as desaprendizagens, a continuidade, e também com as rupturas. Aprendemos o quanto são significativas as historicidades, as insurgências.

Duarte (2005) buscando pensar no conceito de fronteiras em Deleuze, diz que “fronteiras são lugares de devir, local que lida com aliança ao invés de filiação. Espaço de comunicações transversais entre populações heterogêneas” (DUARTE, 2005, p.18).

Embora a teoria de fronteiras a qual me refiro para pensar as ações do ODEERE, se atenha a dimensão da relação entre identidade e não-identidade, segundo Duarte (2005, p. 18), “em Deleuze a teoria das fronteiras enfoca a coexistência “mais do que a identidade. Mas Deleuze nos aponta, ao falar de fronteiras, possibilidades de construir um método cartográfico em que podemos posicionar mapas dos diferentes saberes.

Mapas que apontam as formas simbólicas entre “nós”, que preconizamos epistemologia de muitos saberes, e “eles”, que preconizam o etnocentrismo. Mapas de grupos que tiveram acesso ao espaço dos cursos de graduação de universidades e aqueles que não tiveram acesso à cursos de graduação sequer ao Ensino Médio, mas se matriculam nos cursos de extensão do ODEERE, cursos esses, em que não se solicita, no ato da inscrição, atestado de escolaridade.

Portanto, aprender a desenhar as cartografias dos saberes de grupos que buscam ter suas histórias faladas e ouvidas, nos levou a pensar nos conflitos e sociabilidades que a criação deste órgão, no espaço universitário, enunciou.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Vale aqui salientar, que esses mapas cartográficos vêm nos ensinando a buscar entender as zonas de fronteiras que os limites apontam. Anzaldúa (1987) diz que, no espaço da fronteira se gesta as sociabilidades (lutas, derrocadas, lugar de segregação e hierarquias, lugar de resistência...).

Em função das complexidades que o lugar de fronteira aponta, não tem sido tarefa fácil dentro do ODEERE, criar estratégias de sociabilidades. Me apoio em Lage (2008) para reafirmar o que constato: que o ODEERE é um espaço de diálogos entre dentro/fora, estranho/familiar, nós/eles. É um espaço de possibilidades "...de reinvenção partilhadas, de utopias coletivas, mas também de conflitos por vezes até incendiário, que culminam na construção de novas subjetividades e em novos processos de lutas" (LAGE, 2008, p.491) .

Conclusão apressada

Quero aqui destacar um artigo que escrevi e foi publicado no livro *Estudos em Decolonialidade e Gênero – Vol. II, 2022*, intitulado “‘A Universidade que não queremos’: Como pensar em fronteiras no espaço universitário”. Neste artigo, estou preocupada com uma universidade que vem secularmente negando e silenciando os símbolos étnicos dos grupos que a ela vêm tendo acesso. Mesmo o ODEERE, sendo um órgão suplementar da universidade, ainda não há uma política institucional em consonância com os desafios de criar novos processos de sociabilidades universitárias que se interesse em pensar sobre a banalização da diferença. O espaço universitário ainda precisa descobrir novas formas de fazer ciência, revendo metodologias que trabalhem numa perspectiva de propor a agregação saberes, e de tornar a educação inclusiva.

Nestes 20 anos de ODEERE buscamos fazer leituras de muitos intelectuais que não são tomados em nossos cursos das graduações. Por necessidade de entender como amefricanizar o currículo. Tomamos Lélia Gonzalez, Guerreiro Ramos, Joel



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Rufino, Ana Célia Silva, Narcimária do Patrocínio Luz, Muniz Sodré, Vanda Machado, Milton Santos, Petronilha Beatriz, Josildeth Gomes Consorte, Neusa Maria Mendes Gusmão, Kabengele Munanga, Cloves Moura e tantos outros. São leituras que nos ensinam a fazer diálogo acadêmico no ensino, na pesquisa e na extensão.

Portanto, nestes anos, o ODEERE, vem tomando para si, a incumbência de subverter a ordem universitária, imprimindo marcas de sua posição política e epistemológica.

Ao finalizar esta exposição reitero o agradecimento a todos que participaram dos debates promovidos por mais uma ação que o ODEERE promove ao realizar o XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. 1. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 25 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 25 maio 2025.

DUARTE, Luís Sérgio. **O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy**. T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. *Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.*, [S. l.], v. 13, n. 1-2, p. 17-26, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27875>. Acesso em: 29 maio 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

LAGE, Allene Carvalho. **A pedagogia que emerge da luta política do MST**. Educação, Poder e Cidadania – *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 17, n. 35, p. 487-508, set./dez. 2008.

Machado, Vanda. **Mbondo** - Nossas Raízes Africanas. 1. ed. Lauro de Freitas: JSP - Jornal e Gráfica Limitada, 2010. v. 1. 40p.

SANTANA, Marise de. **Formação e trabalho docente**: “novos e velhos desafios”. (Dissertação de Mestrado) São Paulo: PUC-SP, 1999.

SANTANA, Marise de. **Educação multicultural**: limites e possibilidades de atuação com os PCN. In: ENCONTRO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA UNEB, 4., 2001, Valença/BA. Anais... Valença: UNEB, 2001. p. [não informada]. Tema: Entre o pessoal e o profissional: o estágio e o processo de formação.

SANTANA, Marise de. **O legado ancestral africano na diáspora e o trabalho docente**: desafricanizando para cristianizar. 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SANTANA, Marise de. **Legados africanos**: palavra enunciativa de simbolismos étnicos. *Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB*, v. 3, n. 3, p. 05-33, jan./jun. 2017. ISSN 2525-4715. <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i3.157>

SANTANA, Marise de. **“A universidade que não queremos”**: como pensar em fronteiras no espaço universitário? In: MARIM, Caroline; CASTRO, Susana de (org.). *Estudos em decolonialidade e gênero*: Volume II. Curitiba: Ape'Ku Editora, 2022. p. 13-16. Coleção Pindorama de Estudos Decoloniais. ISBN: 978-65-80154-39-5.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **O projeto político pedagógico**: a saída para a escola. *Revista de Educação AEC*, v. 27, n. abr./ju 1998, p. 81-91, Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/c0b5e5cd-1065-457b-b658-60c9fe5badae/content>Acesso em: 25 maio 2025.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA

